



DOSSIÊ: 150 ANOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

## Uma abordagem do festejar: o Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia (1975-1993)

*A celebration approach: The Centenary of Italian Immigration in the Quarta Colônia (1975-1993)*

*Un enfoque del festejar: el Centenario de la Inmigración Italiana en la Cuarta Colonia (1975-1993)*

**Juliana Maria Manfio<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0007-8166-5109](https://orcid.org/0009-0007-8166-5109)  
[jumanfio@hotmail.com](mailto:jumanfio@hotmail.com)

**Recebido em:** 22 maio 2024.

**Aprovado em:** 30 jun. 2025.

**Publicado em:** 09 dez. 2025.

**Resumo:** No final do século XIX, milhares de pessoas saíram da Itália e se instalaram no Rio Grande do Sul, mais precisamente na Quarta Colônia, buscando melhores condições de vida. Cem anos depois, as comunidades de descendentes festejaram a passagem do centenário da vinda de seus antepassados, realizando um balanço sobre as contribuições deixadas pelos imigrantes italianos no estado. E em 2025, como serão comemorados os 150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul? A partir desse questionamento, o presente trabalho tem como interesse compreender as construções da memória da imigração italiana sobre a perspectiva do ato de festejar. Para isso, serão analisadas obras que trabalham com a temática, relacionando-a à imigração italiana no Rio Grande do Sul, bem como os registros produzidos por ela e para ela. Os atos festivos de um centenário ou centésimo quinquagésimo são momentos importantes de construção de uma memória coletiva em relação à imigração italiana no Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** 150 anos; imigração italiana; Quarta Colônia; celebrações.

**Abstract:** At the end of the 19th century, thousands of people left Italy and settled in Rio Grande do Sul, more precisely in the Quarta Colônia, seeking better living conditions. One hundred years later, communities of descendants celebrated the centenary of the arrival of their ancestors, taking stock of the contributions left by Italian immigrants in the State. And in 2025, how will 150 years of Italian immigration in Rio Grande do Sul be celebrated? Based on this question, the present work is interested in understanding the constructions of the memory of Italian immigration from the perspective of the act of celebrating. To this end, works that work with the theme will be analyzed, relating Italian immigration to Rio Grande do Sul, as well as the records produced by and for it. The festive events of a centenary or one hundred and fiftieth are important moments in the construction of a collective memory in relation to Italian immigration in RS.

**Keywords:** 150 years; Italian Immigration; Quarta Colônia; celebrations.

**Resumen:** A finales del siglo XIX, miles de personas salieron de Italia y se instalaron en Rio Grande do Sul, más precisamente en la Cuarta Colonia, en busca de mejores condiciones de vida. Cien años después, las comunidades de descendientes celebraron el centenario de la llegada de sus antepasados, realizando un balance sobre las contribuciones dejadas por los inmigrantes italianos en el Estado. Y, en 2025, ¿cómo se conmemorarán los 150 años de la inmigración italiana en Rio Grande do Sul? A partir de este cuestionamiento, el presente trabajo tiene como objetivo comprender las construcciones de la memoria de la inmigración italiana desde la perspectiva del acto de festejar. Para ello, se analizarán obras que abordan esta temática, relacionando la inmigración italiana en Rio Grande do Sul, así como los registros producidos por ella y para ella. Los actos festivos de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Professora de História na rede pública municipal de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

un centenario o de un sesquicentenario son momentos importantes de construcción de una memoria colectiva en relación con la inmigración italiana en el RS.

**Palabras clave:** 150 años; inmigración italiana; Quarta Colonia; celebraciones.

## Introdução

No final do século XIX, milhares de pessoas deixaram a Itália rumo ao Brasil, buscando escapar das más condições de vida e de trabalho que abatiam o campo e a cidade, devido à expansão do capitalismo e das novas formas de produção implantadas no país recém-unificado. Os italianos buscavam melhores condições de vida e oportunidade de trabalho, seja nas cidades para trabalhar nas indústrias, seja no campo, com a obtenção de terras. E isso atraiu os imigrantes

italianos para as regiões Sudeste e Sul do Brasil. No Sudeste, eles foram inseridos na política da troca da mão de obra escravizada pela assalariada nas lavouras de café.

No Sul, a partir de 1875, os imigrantes italianos se tornariam pequenos proprietários de terras em áreas destinadas à colonização, formando os quatro primeiros núcleos coloniais: Conde d'Eu, Dona Isabel, Campos dos Bugres e Silveira Martins<sup>2</sup>. A comunidade de Nova Milano, em Farroupilha, é considerada o berço da colonização italiana no estado gaúcho, pois nesse espaço se instalaram as primeiras famílias de imigrantes com o objetivo de colonizar a região. Salienta-se que, antes da imigração em massa, os italianos já haviam se instalado em solo gaúcho.

**Figura 1** – Mapa de Localização das colônias italianas no Rio Grande do Sul



**Fonte:** Descovi Filho e Bertoldo (2007, p. 41).

A entrada de imigrantes italianos para o centro do Rio Grande do Sul teve início entre os anos de 1877/1878, quando chegaram as primeiras famílias de italianos provenientes do norte da Itália. Essas pessoas foram encaminhadas para

a Colônia Silveira Martins, onde permaneceram inicialmente por alguns dias em um barracão<sup>3</sup>. Depois, subiram o vale, guiados pelo rio, e montaram um acampamento com lençóis brancos,

<sup>2</sup> É o quarto núcleo de colonização italiana no RS. Também chamada atualmente de Quarta Colônia.

<sup>3</sup> O barracão era uma estalagem precária que hospedava os imigrantes até que os lotes fossem demarcados e distribuídos.

formando o primeiro núcleo colonial na colônia, denominado Val Feltrina.

O intenso fluxo de imigrantes que chegavam até o centro do estado permitiu a formação de outros núcleos coloniais como Silveira Martins (sede), Arroio Grande, Vale Vêneto, Ivorá, Novo Treviso, Soturno, Val Veronês e Faxinal dos Meios. A vida nos lotes iniciou com a assistência do governo em quesitos como moradia, sementes e instrumentos agrícolas. Além disso, os italianos já estabelecidos alugavam suas casas, instrumentos e até oficinas para a Comissão de Terras para abrigar os outros imigrantes que estavam chegando à colônia (Manfio, 2015).

A partir da década de 1970, os descendentes desses imigrantes começaram a se organizar em torno da necessidade de comemorar o Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. As comunidades promoveram ações e eventos que pudessem prestar uma homenagem à história e à cultura de seus antepassados, demonstrando as práticas socioculturais locais.

As festividades foram de cunho oficial<sup>4</sup> com a instalação do Biênio da Colonização e Imigração, mas também ocorreram de forma espontânea, dentro das comunidades de descendentes. A Quarta Colônia não foi inserida dentro das festas do Biênio e, por isso, a Igreja Católica e as comunidades organizaram as comemorações com o intuito de lembrar o passado dos imigrantes que colonizaram a região. Assim, várias manifestações festivas ocorreram de 1975 até, pelo menos, 1992.

Para um melhor entendimento deste artigo, registra-se que ele foi dividido em duas partes: a primeira abordará a historiografia do festejar, com o intuito de compreender as dinâmicas sociais e culturais a partir da festa; em um segundo momento, serão apresentadas as manifestações festivas ocorridas no Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia.

## O ato de celebrar: uma historiografia recente

A festa pode ser considerada uma reunião de pessoas que celebram alguma data ou evento comemorativo considerado importante para seu grupo social. Os indivíduos têm utilizado as festas como momentos de divertimento, lazer, construção de memórias e identidades, bem como de confraternização e práticas alimentares. O estudo das festividades é um campo relativamente recente para os historiadores e para as pesquisas sobre a imigração italiana no Sul do Brasil.

Para compreender o sentido da festa e sua relevância aos indivíduos que a vivenciam e produzem, este estudo se inspira nas contribuições de autores que trabalham com o tema. Inicialmente, constatou-se que os estudos sobre as manifestações festivas foram, por algum tempo, um campo pouco explorado pelos historiadores. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011, p. 134), apenas as comemorações de cunho cívico ou datas consideradas representativas "para a história da Nação mereciam alguma menção", e a presença dos historiadores se devia à necessidade de "fazer o discurso de panegírico ou de legitimação da data que ali se comemorava". O tema da festa era pouco abordado pelos pesquisadores, pois era considerado uma "temática afeita, inicialmente, ao trabalho dos folcloristas e etnógrafos, que nelas viam expressões dos costumes e do espírito nacional" (Albuquerque Júnior, 2011, p. 135). Recentemente, o tema vem ganhando destaque, devido à diversidade de fontes e ao papel político e sociocultural que as festividades exercem na sociedade, principalmente quando se trata de um centenário.

Pensando no papel desempenhado pelas festividades em comunidades e indivíduos, em determinado tempo e espaço, os autores Kraay e Malerba (2010) identificavam os momentos festivos como meio encontrado pelos grupos para a realização de uma avaliação de um determinado

<sup>4</sup> Essas comemorações oficiais ocorreram na capital Porto Alegre e em cidades da Serra Gaúcha, especialmente Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul e na comunidade de Nova Milano – onde se localizaram os primeiros núcleos de colonização italiana no Rio Grande do Sul, a partir de 20 de maio de 1875. Tornava-se, assim, esse lugar um marco para a história da imigração italiana no estado.

período que se quer festejar.

Para os historiadores, essas comemorações são fontes para pensar a memória coletiva, a invenção das tradições, a construção das nações e a contestação política manifestada nas polêmicas suscitadas por elas. Foram e são incentivos à produção de novos estudos históricos, sejam ufanistas, sejam polêmicos e críticos. Às vezes, abriram espaço para historiadores intervirem em debates públicos (Kraay; Malerba, 2010, p. 368).

A festa elabora momentos de retorno ao passado, trazendo à tona as memórias individual e coletiva, recriando e reforçando tradições em uma sociedade. Além disso, estudar as comemorações permite investigar uma diversidade de fontes históricas, devido às formas escolhidas para comemorar – por exemplo, uma festividade pode começar com um ato religioso e terminar com um momento profano. Por isso, o estudo é essencial para compreender como são organizadas e como se desenvolvem as comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

No artigo intitulado "Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar", Albuquerque Júnior (2011, p. 134) realizou um apanhado sobre a historiografia, retratando os sentidos históricos atribuídos aos atos de festejar. Nesse texto, o autor apontou as diversas formas de abordagem, pela escrita da história, sobre as festas, destacando o ato festivo em suas diferentes "formas de viver e de escrever a história". O autor identifica como estão imbricadas as solenidades e a sensibilidade do historiador na escrita dessa história. Nesse sentido, Albuquerque Júnior (2011, p. 147-148) define o festejo como

[...] espaços de negociação, de tensões, de conflitos, de alianças e de disputas entre distintos agentes, que se conflitam e se debatem em torno não só dos sentidos e significados a serem dados à festa, como também em torno das práticas que as constituirão, dos códigos que as regerão, das regras que estabelecerão permissões e proibições, que definirão limites e fronteiras entre o que pode ser admitido e o que deve ser excluído. As festas podem não só ser campos de lutas concretas, de enfrentamentos entre pessoas e grupos, em torno dos valores e preceitos que definem o viver em sociedade, mas elas são campos de luta simbólica, de luta entre projetos, sonhos, utopias

e delírios, mas são acima de tudo momento de invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes.

Dessa forma, as festas se tornam um importante instrumento para a pesquisa histórica, pois nos fazem refletir sobre os indivíduos que as organizam, os tipos de manifestações festivas eleitas – atentando para cada detalhe – e o público a quem é destinado o festejo. Albuquerque Júnior (2011, p. 148) afirma que o estudo da festa é um desafio e uma tarefa do historiador: "[...] as festas são históricas e feitas de histórias individuais e coletivas. A história não deveria tomar as festas apenas como objeto de estudo, a história deveria tomar as festas como inspiração, como um modo de ser e fazer". Através das festividades, podemos investigar o cotidiano dos indivíduos e sua relação com o passado.

Outra obra que analisa com um olhar histórico as festividades é o livro intitulado de *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa* (Jancsó; Kantor, 2001). São vários textos que abordam a festa diante da cultura e da sociabilidade. Segundo os organizadores, a publicação procura apresentar novas possibilidades interpretativas, através de teorias e técnicas de investigação, também de um tratamento sociológico e histórico sobre as festividades e suas fontes históricas (Jancsó; Kantor, 2001). O livro provoca o historiador a explorar o universo da festividade, apontando novas formas de sociabilidade, de narrar o acontecimento histórico e de tratar a festa pública como um fato social. Além disso, as festividades coletivas influenciam a construção de uma identidade e o sentimento de pertencimento a uma comunidade. Essa obra permite um olhar histórico para dentro das comemorações, analisando "certas particularidades das cerimônias e da sua narração ou memória, que são dois dados indissociáveis [...]" (Jancsó; Kantor, 2001, p. 85). Esse aspecto é relevante, pois a narração auxilia na criação de um imaginário sobre o passado, propondo elementos que não se separam no que tange ao ato de festejar.

Outra obra importante sobre essa temática é de Roberto da Matta (1986), intitulada *O que faz*

o *Brasil, Brasil?*, na qual afirma que as comemorações são consideradas ocasiões que “recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais” (Matta, 1986, p. 54). O autor utilizou o conceito de *festas de ordem* para assinalar relações sociais expostas e mantidas no cotidiano. Ele registrou a alimentação como um elemento que define e marca a identidade pessoal ou grupal e “as relações que as pessoas mantêm entre si” (Matta, 1986, p. 39).

No passado são procurados os elementos que dão suporte às festas. Nessa perspectiva, a festividade busca amparo na memória e da identidade. Constata-se que os grupos sociais, no caso, os descendentes de imigrantes italianos da região Sul do Brasil, propuseram festejar o seu pertencimento através de comemorações caracterizadas por “uma imagem prestigiosa com a qual se supõe que todos possam se identificar” (Candau, 2012, p. 148).

É no passado que são encontrados os elementos que caracterizariam os imigrantes italianos, criando uma imagem comum no presente. O ato de comemorar possui uma forte carga de memória, “destinada a desenvolver profundamente, entre a geração atual, o espírito histórico e o sentimento de continuidade” (Candau, 2012, p. 147).

Considera-se que as festividades referentes ao Centenário da Imigração Italiana buscaram no passado a identificação com a sua história. Entretanto, os indivíduos da Quarta Colônia exaltavam um passado e as práticas socioculturais do presente, como forma de divulgação e promoção da comunidade. “A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, que só os *traços-vestígios* do pretérito são capazes de provocar” (Catroga, 2005, p. 48). O mesmo autor constata que

[...] o conteúdo da memória é inseparável dos seus campos de objectivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que os reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados (Catroga, 2005, p. 48).

Considera-se que as festas se aproximam do passado através da memória. Pollak (1992, p. 201) afirmou que esse acontecimento é “construído coletivamente e sujeito a flutuações, transformações e mudanças constantes”. Esses são aspectos que contribuem para a construção da memória nos eventos vividos pelo indivíduo, pois “a memória é constituída por pessoas e personagens”, bem como pelos lugares de memória “particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser pessoal, mas também pode não estar ancorada no tempo cronológico” (Pollak, 1992, p. 201-202).

Parte superior do formulário

Festejar constitui “reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal” (Silva, 2002, p. 432). Dessa forma, procura-se evitar o esquecimento, sendo a memória seletiva, pois elegemos o que queremos lembrar ou esquecer. Assim, Silva (2002, p. 432), retrata que “apagam-se da lembrança as situações constrangedoras (por exemplo, nos ‘500 anos do Brasil’, os massacres indígenas, a escravidão negra, as violências na história), e privilegiam-se os mitos fundadores e as utopias nacionais [...]”. Ressalta-se que, durante as comemorações dos Cem Anos da Imigração Italiana, as situações de insucesso e fracasso foram lembradas como uma forma de enaltecer a imagem do imigrante, embora as condições de êxito fossem as mais recordadas.

O estudo recente sobre as festas oferece uma nova perspectiva sobre a interseção entre história, memória e identidade coletiva. Ao examinar essas celebrações, é possível compreender como eventos históricos são reinterpretados e reimaginados por seus grupos sociais. As festividades do Centenário da Imigração Italiana no Sul do Brasil não apenas recordam o passado dos imigrantes italianos, mas também revelam as práticas socioculturais dos grupos atuais. Os estudos historiográficos recentes sobre as festas exploram não apenas os eventos em si, mas também os significados a eles atribuídos pelas comunidades envolvidas. Isso inclui análises

críticas das narrativas oficiais e populares, investigando como certas histórias são destacadas e outras suprimidas, além do material produzido pela e para a festa. Além disso, a historiografia da festa examina o papel das instituições, como a Igreja e as organizações étnicas, na organização e na promoção dessas celebrações, oferecendo uma visão mais ampla das dinâmicas culturais e políticas que moldam as comemorações do passado.

### **As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da Quarta Colônia (1975-1993)**

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da Quarta Colônia foram incentivadas pela oportunidade proporcionada pelo Biênio da Colonização e Imigração, instituído pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. As festividades oficiais estabelecidas pelo Biênio abrangiam a capital e as três primeiras colônias de imigração italiana. Contudo, isso não impediu que outras comunidades também colonizadas por italianos realizassem celebrações alusivas no estado. Por exemplo, as cidades de Veranópolis e Parai, na região da Serra Gaúcha, promoveram festividades em homenagem ao Centenário, embora não estivessem incluídas na programação oficial.

O mesmo ocorreu com a Quarta Colônia, cujas localidades não foram incorporadas às festas oficiais organizadas pelo Biênio. Diversos eventos festivos foram realizados em reconhecimento aos pioneiros da imigração italiana, buscando preservar a memória e consolidar "uma determinada recordação como elemento de reconhecimento da coletividade" (Beneduzi, 2016, p. 104). O objetivo era compreender a história dos primeiros grupos que se estabeleceram na região, reconhecendo, assim, a própria trajetória histórica e fomentando um senso de pertencimento. Além disso, procurou-se valorizar as atividades características da própria comunidade.

Isso demonstrou a existência de movimentos locais e regionais que procuravam recordar e narrar a "saga migratória". É provável que, além das

lideranças locais, a Igreja Católica, representada pela Diocese de Santa Maria e pelo bispo Dom Ivo Lorscheiter, tenha sido uma das principais incentivadoras das celebrações alusivas ao Centenário da Imigração Italiana na região central do Rio Grande do Sul. Isso foi observado pela atuação dos padres como lideranças na organização dos festejos nas comunidades onde atuavam. Por exemplo, os padres Luiz Sponchiado, em Nova Palma, e Clementino Marcuzzo, em Vale Vêneto, desempenharam papéis importantes. Sponchiado se dedicou à preservação de registros históricos, buscando salvaguardar tudo o que remetia à história da imigração italiana no quarto núcleo de colonização. Já Marcuzzo procurou reavivar os hábitos, os costumes e as tradições por meio de eventos festivos.

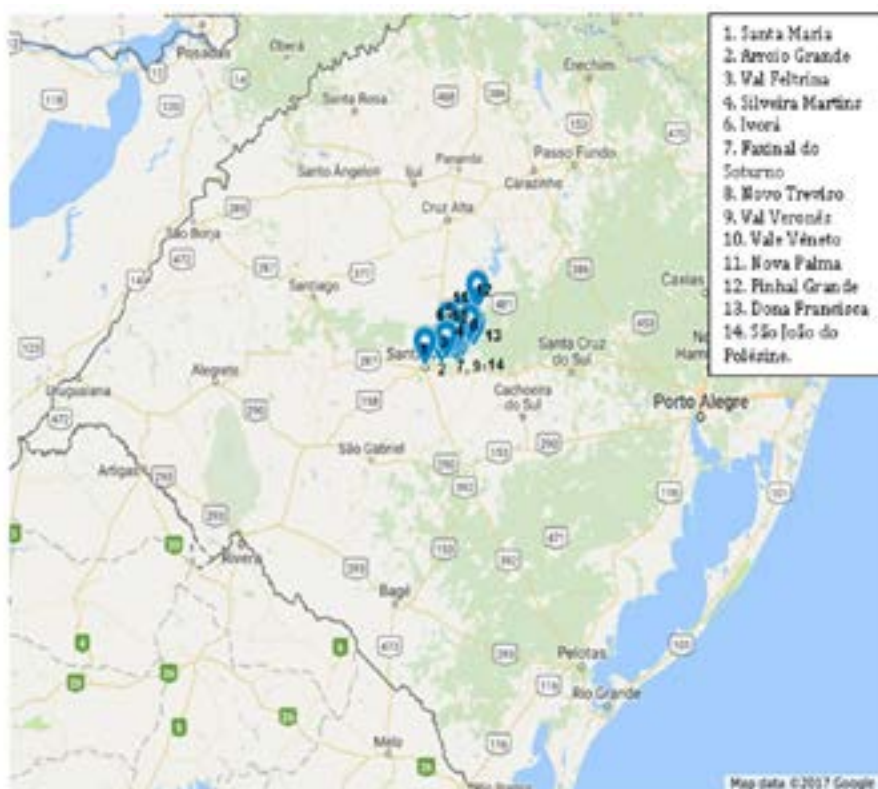
A Igreja Católica foi uma das instituições promotoras dessas festividades, pois, desde a chegada dos imigrantes, esteve presente nas manifestações religiosas, nas orações, nas celebrações, na veneração aos santos, na construção de capitéis e igrejas, na busca por padres residentes nas comunidades coloniais. Podemos perceber o cenário no qual foram organizadas as festividades do Centenário da Imigração Italiana, compreendendo "o 'tom' que seria dado à comemoração, ou seja, qual o tipo de material utilizado correspondia ao tipo de ambientação escolhida pelos organizadores da celebração" (Beneduzi, 2016, p. 103). Nesse sentido, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia tiveram os traços religiosos considerados como elementos orientadores das atividades festivas. Isso se deveu à autonomia religiosa dos imigrantes italianos por um lado, e, por outro, à presença atuante de padres e instituições religiosas desde o início do processo de imigração e colonização. Os padres demonstraram ser importantes lideranças durante a organização dos festejos em suas comunidades de atuação, uma vez que sua presença poderia garantir, em parte, o sucesso das festividades.

Motivados pela Diocese de Santa Maria, as cidades e comunidades da região central do Rio Grande do Sul mobilizaram-se para realizar as

festividades em homenagem aos antepassados italianos. A partir da análise de fontes históricas, identificamos como centros de celebração: Silveira Martins, Arroio Grande, Val Feltrina, Ivorá, Vale Vêneto, Novo Treviso, Faxinal do Soturno,

Val Veronês, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine e Santa Maria<sup>5</sup>. A seguir, apresenta-se o mapa para localizar as comunidades que organizaram manifestações comemorativas.

**Figura 2** – Mapa de localização das comunidades que promoveram festejos no Centenário da Imigração Italiana



**Fontes:** Manfio (2023, p. 86).

Para comemorar o Centenário, cada comunidade promoveu meios que aproximavam o passado do presente, transmitindo a ideia de que todos se identificavam com uma trajetória comum. Ficou evidente que as comunidades locais se envolveram na promoção dessas festividades, desenvolvendo uma narrativa identitária sobre o passado que influenciava as escolhas em relação à organização das festas.

Ao analisar as fontes históricas, percebemos que o Biênio da Colonização e Imigração propunha que os festejos fossem realizados entre 1974 e 1975, sendo o último ano dedicado ao

Centenário da Imigração Italiana. Contudo, na região central, as celebrações tiveram início em 1975 e estenderam-se até 1993, devido às diferentes datas de fundação dos núcleos coloniais. Consta-se que ocorreram diversas festividades relacionadas ao Centenário da Imigração Italiana na região.

Observou-se outro aspecto das festas na Quarta Colônia: a realização de eventos em várias cidades e comunidades durante o ano do Centenário da Imigração Italiana. Não aconteceu apenas uma festa para toda a região colonial; cada localidade preparava sua própria festividade,

<sup>5</sup> É relevante destacar que, durante o período das comemorações do Centenário, as comunidades de Silveira Martins, Arroio Grande e Val Feltrina estavam inseridas no município de Santa Maria. Ivorá e parte de Pinhal Grande pertenciam ao município de Júlio de Castilhos. Vale Vêneto, Novo Treviso e São João do Polêsine faziam parte do município de Faxinal do Soturno.

de acordo com suas concepções, respeitando a própria autonomia.

Um exemplo estudado na dissertação de Juliana Manfio (2015) ocorreu no município de Nova Palma, que promoveu as comemorações ao longo do ano de 1984, correspondendo ao centenário da fundação da localidade. As comemorações iniciaram-se com uma celebração católica na virada do ano na Igreja Matriz Nossa Senhora Santíssima Trindade (figura 3) e se estenderam até o mês de dezembro, quando foram encerradas. A preparação começou no ano anterior, com

reuniões para tratar dos assuntos relacionados aos festejos. “Em outubro de 1983, a comissão organizadora do Centenário lançou cédulas para votação, a fim de escolher o lema das comemorações do século de colonização italiana” (Manfio, 2015, p. 101). Nos meses de junho e dezembro, ocorreram celebrações das santas padroeiras da cidade; as atividades incluíram almoços, jantares, desfiles e outras manifestações festivas. Em julho, ocorreu uma missa nas margens do rio Portela, no local onde havia sido realizada a primeira missa na cidade (Manfio, 2015).

**Figura 3** – Igreja Matriz de Nova Palma



**Fonte:** Centro de Pesquisas Genealógicas (Nova Palma, RS, Brasil).

Cada cidade ou comunidade preparou seus comitês e promoveu as solenidades de forma própria. Em alguns lugares, as festas foram estendidas, ou seja, iniciaram em 1975 e se prolongaram até o ano de fundação dos núcleos coloniais. As comunidades de Vale Vêneto, Silveira Martins e Ivorá foram exemplos da ampliação das festas do Centenário da Imigração Italiana.

Outro caso que podemos citar é o de Ivorá: em 1975, promoveu as festividades do Centenário

da Imigração Italiana, no período de 24 de maio a 1º de junho, quando ainda era distrito de Júlio de Castilhos, sendo a cidade responsável pela organização dos festejos. A programação incluiu diversas cerimônias religiosas, algumas com momentos de confraternização, envolvendo as comunidades católicas de Ivorá. Um marco importante foi a inauguração de um museu histórico na comunidade da Linha Um. O encerramento das festas ocorreu com um “grandioso desfile

de encerramento, que consistiu em carros alegóricos alusivos à solenidade"<sup>6</sup>. O término das comemorações em 1975 não significou o fim das celebrações em Ivorá, pois as foram retomadas em 1983, no centenário desse núcleo colonial, conforme indicaram os materiais de propaganda da festa e os folhetos promocionais.

Essas constatações foram possíveis porque as festividades produzem uma diversidade de documentos relacionados às próprias celebrações. Dentro desse material, incluem-se jornais que divulgam os eventos, descrevem como ocorreram, *folders*, convites das festividades, fotografias, monumentos que foram construídos, entre outros documentos. Dessa forma, analisar as festividades é trabalhar com uma diversidade e o cruzamento de vários tipos de fontes históricas, montando assim um quebra-cabeça festivo.

### As formas de comemorar o centenário da quarta colônia

Considera-se as festas uma porta de entrada para entender as dinâmicas na construção das identidades e afinidades nas comunidades fundadas pelos imigrantes italianos. Celebrações, jantares, almoços, desfiles e inaugurações de monumentos são iniciativas que propiciam momentos e a constituição de espaços afetivos, identitários e a vivência de memórias. Tais iniciativas apontam para os processos de produção de territórios étnicos, em que determinados valores, práticas, percepções, modos de agir e viver precisam ser constantemente reforçados e rememorados.

Nesse contexto, procurou-se compreender os eventos festivos selecionados para celebrar e homenagear o imigrante italiano observando-se as semelhanças entre as festas, e a maneira como as comunidades desejavam ser percebidas e lembradas. Conforme Beneduzi (2016, p. 104-105), as manifestações festivas escolhidas pela comunidade, tais como "álbuns comemorativos, paradas e desfiles, encenações, cantos, reconstruções arquitetônicas e gastronomia", represen-

tam todos os elementos de uma narrativa sobre a comunidade que devem perdurar ao longo do tempo. No entanto, acredita-se que os atos comemorativos refletiam as práticas sociais e culturais já existentes no cotidiano desse determinado grupo étnico, buscando reforçar características para a construção de uma narrativa identitária.

Os eventos festivos escolhidos para ritualizar as comemorações do Centenário da Imigração Italiana buscaram apresentar características do processo migratório da região da Quarta Colônia, além de demonstrarem a forma como as comunidades desejavam ser vistas e lembradas. As comunidades precisaram conhecer sua própria história para organizar as manifestações festivas.

Uma das formas escolhidas para festejar o Centenário foi a celebração de missa festiva, pois a religiosidade era "o principal suporte de quem e/i/migra, de quem se desloca de um lugar para outro" (Ramos *et al.*, 2016, p. 7). Com a imigração italiana para o Rio Grande do Sul, as crenças religiosas também desempenharam um papel importante na organização social e na reconstrução das comunidades italianas nos núcleos coloniais, sendo um dos aspectos que acompanharam esse grupo étnico desde a partida do país de origem até o estabelecimento em um novo lar.

Por exemplo, missas serviram para marcar os locais onde foram realizadas as primeiras celebrações católicas, como ocorreu em Nova Palma em 1984 – contando, ainda, com a presença dos descendentes dos imigrantes italianos. Construiu-se um monumento para marcar o espaço em que havia ocorrido a primeira missa. Dessa maneira, o marco procurava assinalar na comunidade o espaço e a história que os unia, uma vez que aquele espaço era o local da primeira celebração e ainda era legitimado pela presença de uma filha de imigrantes italianos que se instalaram no município. Dessa forma, o monumento representava a origem e a estabilidade (Huysen, 2000).

As comunidades organizaram as festas dos

<sup>6</sup> FESTIVIDADES do Centenário da Imigração Italiana em Ivorá – Promovidas pelo município de Júlio de Castilhos, 1975. Folder. Caixa Ivorá. Centro de Pesquisas Genealógicas.

santos padroeiros que já ocorriam em seus espaços e foram inseridas as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, como, por exemplo, a localidade de Val Veronês com a Nossa Senhora do Monte Bérico (na figura 4). Dessa forma, embora muitas das festividades

buscassem suporte no passado, os indivíduos das comunidades da Quarta Colônia aproveitaram das festividades do Centenário para apresentar as práticas socioculturais do presente, como, por exemplo as festas dos padroeiros.

**Figura 4** – Festa de Nossa Senhora do Monte Bérico, Val Veronês, 1982



**Fonte:** Marcuzzo (1982, p. 134).

Outro evento importante foi a reforma dos capitéis, pequenas capelas dedicadas a santos, que foram construídas pelos imigrantes ao longo das estradas. Havia essa necessidade, pois ocorreriam mudanças na estrutura física, com a troca de materiais, dando mais durabilidade e longevidade às capelas. Em Nova Palma, o movimento de reforma foi liderado pelo padre Luiz Sponchiado, que organizou as reformas juntamente com a comunidade, inserindo as placas que identificavam a reforma como uma homenagem aos antepassados no Centenário da Imigração Italiana.

O capitel dedicado a Santa Polônia (na figura 5) foi um dos primeiros construídos em Nova Palma,

em 1890. A construção era uma promessa da

família de Giuseppe e Sabina Tomasi, que trouxeram a devoção à santa cuidadora dos dentes. Percebemos, com isso, que os cuidados com a saúde bucal entre os imigrantes e descendentes eram algo presente, exigia-se, pois, a busca de práticas para resolver os problemas bucais.

O imigrante Giuseppe Tomasi "exercia o ofício de dentista, por isso dedicou a capela à Santa Apolônia, padroeira destes profissionais"<sup>7</sup>. Mas ele não desempenhava apenas esse trabalho, pois possuía um moinho e esculpia em madeira as imagens de santos (Tura, 2012). As reformas promovidas pelo Centenário da Imigração Italiana exaltavam a religiosidade dos imigrantes italianos

<sup>7</sup> IGREJA restaura capelas da época da imigração italiana. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 29 ago. 1993, p. 36. Centro de Pesquisas Genealógicas.

e auxiliavam na construção de uma memória positiva em torno dos imigrantes.

**Figura 5** – Capitel a Santa Polônia



**Fonte:** Manfio (2023).

As reformas dos capitéis, produzidas por lideranças sacerdotais e pelas comunidades no Centenário da Imigração Italiana, buscavam cruzar a história das construções com a dos imigrantes, pois a história do capitel era recordada juntamente com a do construtor do oratório. Constatam-se, assim, os diferentes usos das memórias, por meio de ressignificações, lembranças e esquecimentos.

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia incentivaram as comunidades à constituição de espaços de memória sobre o processo de imigração, a partir da ela-

boração de uma narrativa sobre o passado dos imigrantes italianos. A partir disso, foram criados vários espaços de memória, como monumentos, acervos e museus, tomando-se consciência da história dos antepassados.

Na cidade de Faxinal do Soturno, foi inaugurado para as Comemorações do Centenário da Imigração Italiana o Monumento do Imigrante<sup>8</sup>. Ele representa a réplica do navio *Columbus*, fazendo referência à travessia transoceânica realizada pelos imigrantes que saíram da Itália e chegaram até o Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Outros monumentos foram erguidos, como o Monumento do Imigrante em Vale Vêneto e em Val Veronês. Todos, em homenagem ao Centenário da Imigração Italiana na região.

**Figura 6** –1 Monumento do Imigrante – Faxinal do Soturno

**Fonte:** Manfio (2023).

A travessia transoceânica foi um dos momentos mais recordados durante as festas do Centenário da Imigração Italiana, pois lembrava uma ocasião dolorosa, de saída da terra natal e de chegada ao desconhecido. Havia, ainda, a viagem por terra até os núcleos coloniais no Rio Grande do Sul. As circunstâncias foram divulgadas para enfatizar a superação das adversidades encaradas pelos italianos, transformando assim a travessia em uma epopeia, e exaltando-a durante as festividades do Centenário da Imigração Italiana.

Outra forma encontrada de comemorar o Centenário da Imigração Italiana foram os desfiles históricos<sup>9</sup>. Nova Palma, Ivorá, Novo Treviso, Vale Vêneto, Silveira Martins e Dona Francisca promoveram desfiles com carros alegóricos e indivíduos com roupas consideradas "típicas",

para demonstrar o processo migratório italiano em suas comunidades.

Por exemplo, Vale Vêneto organizou um desfile histórico como forma de comemorar o Centenário da Imigração Italiana na comunidade no ano de 1978, centenário de fundação da comunidade. Na figura 7, temos uma dimensão de umas das alegorias apresentadas no desfile: centralizado na fotografia, vemos um pequeno carro de tração animal, utilizado para o transporte de alimentos e mercadorias. Santo Bortoluzzi era neto de imigrantes italianos da comunidade e conduziu a carroça carregada de alimentos. Atrás da condução, vemos também crianças e mulheres com utensílios de trabalho, como rastelos e foices, representando o trabalho familiar na pequena propriedade colonial. Ainda, é possível perceber o público que prestigiava o evento.

<sup>9</sup> Segundo Cavalcanti (1998), os desfiles são uma narrativa simbólica, acompanhados de uma dinâmica em forma de cortejo em fluxo linear.

**Figura 7** – Desfile histórico da imigração em Vale Vêneto



**Fonte:** acervo do Museu Geringonça (Novo Treviso, Faxinal do Soturno RS, Brasil) (2018).

O desfile histórico, representado por alegorias e vestimentas, demonstra a história das famílias de imigrantes italianos que viveram na região da Quarta Colônia. Buscou reforçar as qualidades positivas dos imigrantes<sup>10</sup>, destacando o trabalho diário e coletivo que resultou em uma trajetória de sucesso. As narrativas construídas para o Centenário da Imigração Italiana tinham o objetivo de preservar o passado dos imigrantes italianos, contando uma história comum com a qual todos pudessem se identificar.

As festas do Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia foram caracterizadas por várias atividades festivas, que procuravam promover o trabalho, a religiosidade e a união familiar do imigrante. Essas celebrações mostraram como grupos locais se prepararam, visando construir uma narrativa comum sobre o passado da imigração italiana na região.

### Considerações finais

Com a proximidade das comemorações dos

150 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, é necessário realizar um balanço atualizado das produções acadêmicas relacionadas à história da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Estudar os eventos festivos, como o Centenário da Imigração Italiana, é possível devido à intensa análise de fontes históricas produzidas pelas próprias comemorações: os jornais, as fotografias, os convites, as programações, os *folders*, os livros, os monumentos. As novas festividades lançarão novas perspectivas de investigações históricas-sociais, utilizando também novas fontes históricas.

Com a investigação das fontes históricas, foram identificadas as comunidades que promoveram as festividades alusivas ao Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia, como Silveira Martins: Silveira Martins, Arroio Grande, Val Feltrina, Ivorá, Vale Vêneto, Novo Treviso, Faxinal do Soturno, Val Veronês, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine e Santa Maria. As diferentes comunidades organizaram

<sup>10</sup> Favaro (1996, p. 281) atribuiu a imagem criada ao imigrante ao crédito de "valores e qualidades individuais: ser dotado de coragem, tenacidade, perseverança, honestidade, espírito de iniciativa e, simultaneamente, de uma inabalável confiança no futuro, apoiada no trabalho incessante e infatigável", no sentido de garantir o sucesso.

diferentes dinâmicas internas para comemorar a passagem do Centenário da Imigração Italiana em seu espaço.

É importante salientar que o estudo das festividades como objeto da historiografia revela-se uma via rica e plural para compreender a construção de identidades, a transmissão de memórias e a produção de sentidos no tempo presente. Ao investigar o Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia, nota-se que as festas ultrapassam o caráter meramente comemorativo: elas tornam-se palco de disputas simbólicas, de reafirmação de pertencimentos e de recriação do passado segundo as necessidades do presente.

A abordagem historiográfica recente permite analisar as celebrações como manifestações complexas, nas quais elementos sociais, políticos, culturais e afetivos se entrelaçam. A memória, seletiva e dinâmica, orienta os sentidos atribuídos aos eventos festivos, elegendo símbolos, silenciando traumas e valorizando imagens idealizadas. Nesse processo, as festas funcionam como instrumentos de reafirmação comunitária e de visibilidade social, sendo também espaços de negociação e de tensionamento entre diferentes grupos e discursos.

Para compreender o ato de celebrar, é necessário entender como os sujeitos constroem sua história, atribuem valor ao passado e projetam o futuro coletivo. A historiografia da festa, ao articular memória, identidade e representação, amplia o campo de atuação do historiador e reforça o potencial interpretativo das comemorações como fonte e objeto de estudo histórico.

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia revelam uma complexa articulação entre memória, identidade e religiosidade. Embora essa região não tenha sido contemplada pela programação oficial do Biênio da Colonização e Imigração promovido pelo governo estadual, suas comunidades demonstraram um forte desejo de participar das celebrações, organizando, de forma autônoma, festividades que recuperam a trajetória de seus antepassados italianos. Essa iniciativa local evidencia que a memória da imigração não se restringe às diretrizes

oficiais, mas emerge a partir do envolvimento comunitário e das lideranças locais.

O papel desempenhado pela Igreja Católica, especialmente pela Diocese de Santa Maria e pelos padres atuantes nas comunidades, foi fundamental para o sucesso das comemorações. Por meio da valorização de aspectos religiosos, como missas, procissões, festas de padroeiros e a construção de monumentos, a memória da imigração italiana foi ressignificada e fortalecida. A atuação dos padres como figuras de liderança reforça a importância da religiosidade como eixo estruturante da identidade das comunidades descendentes de imigrantes.

Outro aspecto relevante foi a forma como as festividades foram realizadas. Cada localidade da Quarta Colônia organizou suas próprias celebrações, respeitando suas histórias e cronologias fundacionais. Isso contribuiu para a construção de uma narrativa identitária específica em cada comunidade, mas que ao mesmo tempo reforçava um sentimento de pertencimento a um passado comum. A diversidade de fontes documentais geradas pelas festividades – como jornais, fotografias, convites, folhetos e registros de memória – revela o caráter multifacetado dessas manifestações, que transcendem o evento festivo e se configuram como verdadeiros documentos históricos.

A análise das comemorações do Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia nos permite compreender como a memória coletiva é construída e negociada ao longo do tempo. As festas, ao mesmo tempo que celebravam os valores dos imigrantes e seus descendentes, atuavam como formas de legitimação da identidade local e regional. Assim, mais do que simples preservação do passado, essas comemorações representaram uma forma ativa de construção de pertencimento, enraizamento e continuidade cultural.

Apesar da proximidade geográfica das comunidades, cada uma promoveu seus atos festivos de forma dinâmica e autônoma, apresentando tradições do passado com práticas socioculturais atuais. Aqui foram evidenciadas algumas das formas de comemorar o Centenário da Imigração

Italiana, como as missas católicas, as reformas de capitéis, a construção de monumentos, os desfiles históricos. Todos esses eventos festivos foram essenciais para criar uma consciência sobre a história da imigração italiana na região, e para a construção de uma memória e de uma identidade étnica.

As iniciativas comemorativas revelaram um esforço consciente das comunidades em articular o passado e o presente, construindo uma narrativa identitária que exaltava valores como religiosidade, trabalho, superação e união familiar. Cada prática simbólica – como a celebração de santos padroeiros, a reforma de capitéis ou a representação da travessia oceânica – cumpriu o papel de manter viva a memória dos antepassados e legitimar as origens dos grupos descendentes de italianos.

Nesse processo, as festas não apenas preservaram tradições, mas também criaram significados e representações. A escolha de determinados eventos e símbolos para as comemorações revela a intencionalidade das comunidades em projetar uma imagem positiva de si mesmas, reforçando aspectos considerados fundamentais para a sua identidade e continuidade cultural.

Por fim, as celebrações do Centenário mostraram como as memórias coletivas são constantemente ressignificadas, sendo mobilizadas para fortalecer os laços comunitários, educar as novas gerações e marcar territorialmente a presença histórica dos imigrantes italianos. Essas manifestações deixaram um legado importante, visível nos espaços de memória, nos monumentos erguidos e nas narrativas construídas, que continua a influenciar o modo como essas comunidades se percebem e se representam.

## Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Revista Patrimônio e Memória*, Assis, v. 7, n. 1, p. 134-170, jun. 2011.

BENEDUZI, Luis Fernando. A festa como patchwork: indício e laboratório da memória coletiva. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla (org.). *Imigração, práticas culturais e sociabilidade: novos estudos para a América Latina* São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 102-134.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Nudoc: Museu do Ceará, 2005.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e ritual: trajetórias e passagens. In: ROCHA, Everardo (org.). *Cultura e Imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. v. 1, p. 59-68.

DESCOVI FILHO, Leônidas Luis; BERTOLDO, Felipe (org.). Mapa de Localização da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Nova Palma, 2008. In: DESCOVI FILHO, Leônidas Luis; BERTOLDO, Felipe. Monografia (Conclusão de Curso de Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007. p. 41.

FAVARO, Cleci Eulália. Amor à italiana (o real e o imaginário nas relações familiares na região de colonização italiana no Rio Grande do Sul). In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 281-286.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Imprensa Oficial: Hucitec: Edusp: Fapesp, 2001. 2 v.

KRAAY, Hendrik; MALERBA, Jurandir. Festejar e repensar a independência: um balanço. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, p. 366-373, 2010.

MANFIO, Juliana Maria. *A construção de uma memória: as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins (1975-1993)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

MANFIO, Juliana Maria. *A construção de uma memória: as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins (1975-1993)*. São Paulo: Verona. GT Nacional de História Cultural, 2023.

MANFIO, Juliana Maria. Entre o sacerdócio e a pesquisa histórica: a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

MARCUZZO, Clementino. *Centenário de Vale Veronês: Epopéia da Imigração Italiana de Vale Veronês com seus costumes e tradições*. Santa Maria: Palotti, 1982.

MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. O sentido das comemorações e das festas de São Leopoldo: três momentos de civilidade e de sociabilidade. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz (org.). *Imigração, práticas culturais e sociabilidade: novos estudos para a América Latina*. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2016. p. 135-154.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

TURA, Jocelaine Garlet. *Capitéis – Fé e Religiosidade na Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (Nova Palma 1890 – 1925)*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2012.

---

### Juliana Maria Manfio

Professora de História na rede pública municipal de Cachoeira do Sul (RS). Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2019). Possui mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2015) e Licenciatura em História pela Universidade Franciscana (2013). Em 2022, recebeu menção honrosa no Quarto Prêmio Teses Sandra Jatahy Pesavento em História Cultural. Neste ano de 2025, recebeu o "Premio per Saggi Scientifici, Brevi, Inediti e Originali Sulla Storia dell'Emigrazione Veneta – 3ª edizione".

---

### Endereço para correspondência

#### **JULIANA MARIA MANFIO**

Rua Manoel Carvalho Prates, 235, Casa 1, Marina, 96505510

Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*